

António Franco Alexandre

Metamorfose, mutação, ardência



PALAVRA DE POESIA

António Carlos Cortez

¶ Foi longa a ausência e funda a espera. António Franco Alexandre (AFA) regressa com um inédito, *Carrossel*, e com a reunião da sua obra poética. Numa entrevista confessou que, durante anos, quis estar longe de tudo quanto fosse mundo cultural, livros, poesia. Relê-lo agora significa também regressar a uma geração – a de 70. *Poemas*, assim se intitula este bellissimo livro (é um objeto principal, capa azul, letras em relevo, douradas, que flamejam), pode ser a porta que se abre não só para relemos AFA, mas outros dessa década de sortilégios. Para nesse tempo entrarmos é ainda a Joaquim Manuel Magalhães que convém regressar. De regressos – e vários – se trata aqui.

Em *Os Dois Crepúsculos – Sobre poesia portuguesa atual e outras crónicas* (A Regra do Jogo, 1981), delineavam-se as grandes linhas de força do autor de *Sem Palavras Nem Coisas*. Era Magalhães quem o dizia: partindo de uma convocação a Charles Olson, presente nesse volume de 1974, referindo poetas como Robert Creeley e Robert Duncan, chamando a atenção, nesses poetas, para a singular prosódia e para as potencialidades do verso livre “dominado por ritmos internos precisos, na linha das alterações introduzidas por William Carlos Williams ao dessoramento do versí-librismo” (referiam-se também Carl Sandburg e Vachel Lindsay), o que o crítico sublinhava era, em AFA, não exatamente a eventual influência desse quadro textual sobre o poeta, mas o modo como ele propunha, absorvendo outras tradições literárias (a anglo-americana, desde logo) e textualidades, uma modificação de processos de escrita.

FALAVA-SE DE NOMADISMO, isto é, de uma escrita em que o inesperado sintático-semântico obrigava a vermos e a ouvirmos esse “requiem urbano”, o desalento dos corpos, o “erotismo fatigado e infeliz”. Variações sobre temas sobrepostos ou de um tema único, domínio de uma “técnica pedida emprestada à sextina ou ao vilanelle, mas onde cada estrofe se visse explodida até um núcleo mais vasto de versos” (Magalhães, 1981:249), na poética de AFA apontavam-se dois grandes modelos textuais: “a integração (por

referência ou ocultação) de dados do mundo da vida e do mundo da cultura [...] A par de uma densidade referencial ritmicamente integrada por uma montagem dos vários materiais” linguísticos, corporizando, tematicamente, a paixão, o sofrimento e a mágoa como eixos de sentido.

Alucinada linguagem, verbalização, na primeira pessoa, de um mundo pressentido ou vivido como ruína, é possível que as técnicas de justaposição, de corte e de montagem, bem como a acentuada dimensão fílmica que lemos nesta poesia em constante morfose e metamorfose, possam ter hoje outra receção.

processos de montagem-desmontagem que caracterizam o textualismo de *Poesia 61*, nem sequer fazendo eco das herbertianas vertigens de uma linguagem alquímica, nem tão-pouco da musicalidade em expansão de sibilantes e assonâncias que determinam muita da poesia de Ruy Belo. O caminho de Franco Alexandre é outro e tem que ver com esse “ritmo onírico e flutuante” que conduz, como bem viu Magalhães, a um discurso onde visionarismo e construção de enredos se aliam.

Se podemos dar conta de Pound, de Herman Melville, de Gide, enfim, de ecos da poesia culta em diversos momentos da

SE O VERSILIBRISMO DE AFA é longo nos anos 1975, 76, 77, se há a linguagem ou a palavra como obsessivas fontes de inquirições epistémico-ontológicas (“a série das palavras (seja qual for a intensidade/ dos seus nomes, como as razões que nos vestem/ de grandes corolas) não esgota nunca os seus objetos”), ou mesmo investigações poetológicas (o fascínio por Wittgenstein é claro), julgo que há, à medida que avançamos nos livros de AFA a consciência de que é na textualidade ritmicamente mutável que tudo acontece. Esse tudo é, por um lado, da ordem do estiramento dos sentidos – a busca incessante por um novo dizer: “em silêncio me muro e me demoro/ no cálculo de rotas inexatas// um duro arbitrio quer que me desprenda/ dos cinco ou mais sentidos/ vou ser livre na terra desnudada/ vou dizer o que sei como quem mente” (p.155), ao mesmo tempo que é recusa de realismo imediatos. Franco Alexandre esteve sempre longe desse “ouvidinho musical” que Magalhães desdenhou, mas não esteve longe desse projeto comum a certa poesia dos anos 60 (Belo, o 2º Carlos de Oliveira, a partir de Cantata,) que igualmente passava pela experiência da gramática. Em *A Pequena Face* (1983), figurando a voz mesmo em heterodoxos sonetos (“caminha pelo sangue na pele”, por exemplo), escreverá: “a experiência da gramática/ trouxe consigo silenciosos prazeres, estroitos/ de mar junto ao sensível estuário, // o mais exacto modo/ de servir nuvens, lenços escarlates, / o sonho de muitos dias absortos [...]// de caminhos no som, aonde/ não chegámos às primeiras horas” (p.188).

Experiência gramatical, silêncio-prazer – da escrita – demanda dos caminhos do som, AFA é igualmente responsável por trabalhar, como só talvez Herberto, entre nós, o poema ao ponto de, sem ceder a ornamentos dispensáveis (há os indispensáveis), o “trabalho das vagas” linguísticas exigir constantes metamorfoses gráficas. Essas mutações são, no fundo, modos de figurar as ondas verbais que rebentam na página. Rebentação que obedece a íntimas energias sonoras, a ritmos cada vez mais clássicos, reconhe-



António Franco Alexandre

É que se se vislumbra o impacto da sumptuosidade imaginística dum Herberto Helder no primeiro Franco Alexandre, e sendo verdade que nos primeiros poemas (de 1969 a 74) é ainda o encavalamento, o jogo gráfico, uma certa mobilidade textual o que se pode ler – com comunicação direta a poetas de *Poesia 61* (não há aquela inovação da agramaticalidade? A procura de certo associativismo que lembra a grande máquina lexical duma Fíama ou certo deslumbramento metafórico vindo de Gastão Cruz?) –, AFA parece, desde o início, fiel a uma ideia de poesia que, justamente, pudesse dizer a realidade não através daqueles

obra alexandrina, se podemos até reconhecer certa “ferocidade verbal” nos seus versos e mesmo certa “hostilidade do real”, uma hostilidade vinda da dúvida, esse método maior para leituras heterodoxas, igualmente podemos situar outros momentos da sua criação em lugares infrequentedos do nosso novecentismo. Do “Tríptico Nómada” ou de “Veneza, Travessia” a “Relatório 1”, cuja centralidade na história do caminho poético de AFA é inescapável, até a um poema fundacional como “Os Objectos Principais”, morfose e metamorfose são conceitos fundacionais.

cíveis e vindos da tradição lírica – o decassílabo e de que “Duende” é a prova mais bela: “Se nas palavras vou um pouco sempre/ adiantado, como uma quimera/ daquelas bem reais que têm bico/ e corpo de lagarto? E rosto humano?/ é que também não vivo neste instante/ mas noutro, inteiramente coincidente” (p. 493).

SEM ESQUECER A SEQUÊNCIA

LONGA de “Duplo”, secção de “Uma Fábula” onde decassilabicamente o trabalho de imagens faz respirar em cadência inatacável a memória dos homens, dos corpos, das casas, dos tempos dentro do tempo. Isso para além de na primeira sequência lermos outra metamorfose, o arranjo rítmico de rimance, em clave hexassilábica. É uma fala que, confessional e efabulatoriamente, se despede de nós: “Assim como o tempo passa/ já posso ser o que sou/ breve chuvisco da tarde/ nublado pela manhã/ sol em neve declinado/ seco mar fresca aridez”.

Para quem lê esta poesia há sempre o risco de experimentar um estremeamento da imaginação. Esse estremeamento tem de vir de uma leitura em voz alta, de uma quase performatividade do escrito. Leia-se a poesia de *Dos Jogos de Inverno* (1993) e ver-se-á que a hostilidade do real é compensada pela beleza quase frágil de um cântico transformado em “Cristal azul, chamado/ pela canção das asas” que não pode subtrair-se de uma leitura atenta ao poder transfigurador de inúmeros versos.

Em *As Moradas 1 & 2* (1987), o poema torrencial de um grupo de textos anterior refreia o seu movimento vertiginoso para dar lugar a um misticismo que não dispensa a observação da virulência dos dias (“leva-me ao campo aberto onde começa o escuro/ passado dos sentidos, [...]// detesto estes empregos, as mãos dos arquitetos/ o plano quinzenal de mais progresso”) (p.247). *Aracne* (2004), no seu labor oficial (no poema de abertura a representação do poeta como aranhão, o poeta como fazedor da trama-teia-tecido do poema) oferece-se como síntese de toda a arte da poesia do autor de *Oásis*. Paródica lembrança de Gregor Samsa, de Kafka, ao mesmo tempo que inscreve esta escrita num veio raríssimo da nossa poesia onde demiurgia e adivinhação são moradas signícas, António Franco Alexandre erige em *Poemas* um dos mais fascinantes tratados sobre as figuras – “Deixa lá o terror, da melodia. / Sejamos mais subtis: / dá-me a catacrese/ dou-te a parataxe”, escreve-se no inédito *Carrossel* – que sempre são retiradas dum real presentes a aluir; figuras que declaram: “Há um incêndio no papel, na alma”, na “folha do corpo” que fica a arder. JL



> António
Franco
Alexandre
POEMAS

Assírio & Alvim,
616 pp., 33 euros